

# Crítica literária

## José Augusto — «Hellada», Frisos gregos — Edições Momento.

Creio que é este o primeiro livro do sr. José Augusto. Tenho o grande prazer de dizer-lhe que o seu livro é mais do que uma promessa; é, quanto a mim, a revelação de um escritor. A sua linguagem, de frases curtas, é nobremente simples; a sua sensibilidade artística é do mais delicado requinte; o seu poder comunicativo é surpreendente. Tenho muita alegria em dizer isto a um rapaz, da altura dos meus sessenta anos, isto é, daquela idade em que já não é fácil compreender e apreciar os novos.

Chama-se «Demétrio» o primeiro conto do livro, ou, para melhor dizer, o primeiro friso. O poeta Demétrio vivia na ilha de Paros e aí cantava as perfeições da Natureza: «decifrava o cantico soturno das ramagens açoitadas pelo vento e o marulhar contínuo das vagas despedaçando-se nos rochedos firmes». Um dia viu uma mulher, de corpo «grácil, cintura flexível e dobradiça como os juncos», e cantou-a em belas estrofes como havia cantado a Natureza. Desde então o homem substituiu o artista: «A amar perdera o ritmo cadenciado do verso. Procurava ideias, mas o seu cérebro, outrora fecundo, recusava-se a produzir. Olhando o azul safira do mar, comparava-o ao tom turquesa dos olhos da amante. Ao ver as colinas a pique sobre o oceano, recordava os risos dela erectos e tingidos. E, ao notar a sua impotência criadora, compreendeu que as deusas se tinham vingado.»

O autor podia deixar o poeta mergulhado no seu desespero; mas este repugna ás almas juvenis, se bem que não ficasse mal num friso helénico. Pôs então o seu poeta a implorar os deuses, e os deuses tiveram compaixão da sua dor. Demétrio compreendeu que podia amar a sua arte e a sua mulher, como qualquer homem pode amar a sua arte e o seu campo; e então, descoberta esta verdade, tomou do redil o anho mais gordo e sacrificou-o sobre rústica ara de pedra a Dionisio, deus da alegria.

Preguntei a mim mesmo se a sedução dos mitos gregos, sempre por mim tão sentida, não contribuiria muito para a impressão de agrado que tive ao ler o livrinho do sr. José Augusto. Mas a obra termina por um hino á Primavera, que o autor dedica a sua irmã Celeste, que nada tem já com a antiguidade helénica, e que é um pequenino e lindo poema em prosa. Resisto mal á tentação de o transcrever todo para aqui; e amputando dêle o trecho final, que copio a seguir, quasi sinto o remorso de quem quebrasse uma bela estátua para roubar um dos membros que destinasse a um museu.

«...Sente-se a vida, latente, na imobilidade das rochas e nos troncos carcomidos das árvores que não florescem. Ouve-se a seiva cantar, nos galhos e nas ramadas. E a seiva corre pelos campos, até chegar ao coração do homem. E o homem, ao sentir a vida que faz vibrar a Natureza, sente-se mais forte, mais novo! E a vida é mais bela e o sol tem mais brilho. A seiva, que animou as coisas, anima agora o coração do homem. E o homem, debruçado sobre a Natureza, colhe um ramo de rosas bravas, que se desbruçam para êle, na fita branca da estrada.»

## Artur Augusto — «Imagens», Ensaios criticos — Edições Momento.

O que mais interessa no livrinho do sr. Artur Augusto não é a sua critica sobre poesias e prosas da gente nova, portuguesa e brasileira, mas o que nos diz directamente ou se deduz das suas palavras sobre os homens da última geração. «A

dos, diz o autor, geração tumultuosa e continuamente inovadora, que fomos sacudidos pela mão nervosa do progresso, cumpre-nos ser independentes até ao extremo, ter a coragem moral de proclamar as nossas ideias, sejam elas quais forem, tomem o caminho que tomarem, porque a vitória é nossa, quanto mais não seja pela razão consoladora de que os velhos morrerão antes de nós.»

Se me animassem intuitos de polemista, bastaria a discussão desta frase para encher o espaço do jornal, que me é lícito consagrar ao livrinho do sr. Artur Augusto. Dir-lhe-ia que sim, que a vitória há-de ser da sua geração porque, de facto, as mais antigas a precederão no tumulto, mas que no momento de vencer já as ideias dessa geração não serão as mesmas e que então outras gerações mais modernas se estarão afirmando inovadoras e sacudidas pela mão nervosa do progresso. O autor está na idade em que se descobre o mundo, compreendendo nesta palavra o que é tangível e os movimentos complexos da alma humana; mas não é longa essa época de vida; e depois de se ter acreditado que é possível progredir na esfera artística, moral e filosofica como no estudo da Natureza, reconheceu-se que o homem nem pode modificar-se nem adiantar no conhecimento de si mesmo. A espécie é fisiologicamente e psicologicamente estável.

Mas o livro do sr. Artur Augusto merece mais larga referencia do que este sorriso amigável de homem de outra geração perante um novo confidente no seu esforço como um paladino dos tempos heroicos no puro aço da sua espada. Interessou-me sobretudo o que nos diz da maneira como os modernos reagem contra o passado que teima em dominá-los, que os arrasta, que os faz viver a tragédia sobre-humana da conquista da originalidade. E o autor distingue entre os que, impotentes para criar, procuram ser extravagantemente originaes e falham, os que, sendo verdadeiros artistas, muitas vezes procuram, por fadiga, um animo amigo que lhes assegure tranquilidade e paz espirital.

Vê o sr. Artur Augusto na sua geração, com notável clareza, o mal de que todas as passadas enfiaram. Há em todas extravagantes sem originalidade, que é vulgar ver mais tarde aconchega-

dos na vida e procurando fazer esquecer as suas juvenis extravagâncias, e de todas as gerações ficam alguns espiritos superiores que aperfeiçoam a sua arte com ou sem amparo amigo que lhes garanta a vida tranquila. Quem tem — seja por hereditariedade ou circunstâncias de criação, o que é discutível — dentro da alma o lume sagrado não poderá impedi-lo de lançar chammas, mesmo que procure abafá-lo numa vida de miséria desordenada ou numa vida de sonolência burocrática.

Estas breves notas mostram quanto me entretive a leitura do livrinho do sr. Artur Augusto. Creio que o mesmo sucederá a todos os que se interessam pelo movimento literário português.

## António Coimbra — «A Sombra» — Edições Quid.

Dêste livrinho de novelas do sr. António Coimbra, a mais longa e mais interessante é a que dá o nome a toda a obra. Trata-se da história de uma pobre cega que vive das saudades por um único filho que partiu para a guerra e de quem não vê notícias. Um dia sabe que êle está vivo, prisioneiro dos alemães; mas numa noite de temporal horrível, parece-lhe sentir que a porta da casa se abre e que o vulto do filho se lhe desenha nos olhos cegos. Caminha para êsse vulto e cai redondamente morta.

São agradáveis de ler as novelas do sr. António Coimbra.

Ferreira de Mira

## «Mensagem» — Poemas de Fernando Pessoa.

Vestiu de galas a poesia portuguesa para receber êste livro de Fernando Pessoa.

Esta obra obteve um segundo prémio no concurso da Propaganda. Apre! Muito bom deve ser o primeiro premiado para uma obra como esta poder ficar em segundo lugar!

O livro do sr. Fernando Pessoa não se limita a ser um bom livro de um bom poeta, é mais — e, muitas vezes, não é tanto — mas é sempre o livro de alguém profundamente inteligente e requintadamente artista.

Há ideias, pensamentos de tão bom quilate, tão profundos e tão brilhantes que, só por si, afirmavam um grande prosador, mas o autor, rico de talento, quis fundir numa

só forma o vôo da poesia e a profundidade da prosa.

São seria bastante para afirmar um grande poeta êstes três versos do poema «D. Sebastião»?

— Sem a loucura o que é o homem mais que a besta sádica, cadaver addiado que procria?

A riqueza poetica dêste livro é tanta que, ainda que o seu autor nunca mais escrevesse um verso, o seu nome ficaria para sempre ligado á mais rica poesia portuguesa.

Outro poema de rara beleza é sem dúvida êste — «D. Filipa de Lencastre» — tão pequeno e tão grande!

Que enigma havia no teu seio Que só génios concebia? Que arcanjo teus sonhos veio Velar, maternos, um dia?

Volve a nós teu rosto sério, Princesa do Santo Graal, Humano ventre do Império, Madrinha de Portugal.

É quasi pecado falar do poeta, ocupando o espaço em que, pondo os seus versos a cantar, ficaria feito o mais alto elogio da obra.

Para fazer um livro assim, não basta inspiração, não basta facilidade poetica, musicalidade, ritmo — é preciso tudo isso e muito mais, aliar a riqueza do conceito á perfeição da forma, e estes versos, mesmo quando não são lindos, são belos.

Parece-me admirável êste primeiro verso do poema, «Infante»:

«Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.»

Este poema «D. João Segundo», qual seria o poeta que o não assinaria orgulhosamente?

Seu formidável vulto solitário Enche de estar presente o mar e o céu E parece temer o mundo vário Que lhe abra os braços e lhe rasgue o véu.

E é todo assim o belo livro de Fernando Pessoa embora todo êle seja apresentado como uma enfiada de milagres, mas isso é lá com êle e com Deus. Que protestem as almas dos marinheiros que para sempre ficaram sepultadas no Oceano, dos pioneiros que desbravaram a Rfrica inexplorada e sô-

bre cujos cadáveres fomos avançando passo a passo até que enfim «se cumpriu Portugal».

Por mim, limito-me a assinalar o aparecimento do livro de um alto espirito de uma intelligência brilhante, de um grande poeta que o será sempre, mesmo quando escrever em prosa.

Agora, escutemos o seu Quinto Império:

Triste de quem vive em casa, Contento com o seu lar, Sem que um sonho, no erguer de asa, Faça até mais rubra a brasa, Da lareira a abandonar!

Triste de quem é feliz! Vive porque a vida dura. Nada na alma lhe diz Mais que a lição da raiz — Ter por vida a sepultura.

Eras sobre eras se somem No tempo que em eras vem. Ser descontente é ser homem.

A edição é da Parçaria António Maria Pereira e é cuidada com gosto e elegância.

## «Maré Alta» — Poesias de Bramão de Almeida.

Este livro vem prefaciado por Ferreira de Castro. Já aqui tive ocasião de dizer o quanto me parece inútil um prefácio, e Ferreira de Castro afirma que, nem êle nem o poeta têm simpatia pelos prefácios. Assim, estamos todos de acôrdo. Li as palavras em que Ferreira de Castro nos dá a razão porque pôs o seu nome a abrir o livro e onde também nos diz do poeta. A prosa admirável do autor da Selva tem o mágico poder de convencer.

Escreveu umas lindas páginas de prosa, Ferreira de Castro, onde, falando do poeta, nos afirma que os seus versos «são admiráveis de inspiração, de melodia e de lirismo. Afloram nestas páginas sentimentos de delicada expressão, tocadas de subtil adejo romântico, que é ainda elegância de personalidade. E passam, também, figuras de encantamento, com a fascinação de seres dum velho parque silencioso.»

Seja pois Ferreira de Castro, com estas palavras, quem faz a critica dêste livro. Que melhor nome a pode assinar?

Eu limito-me a transcrever um soneto de Bramão de Almeida, que me pareceu dos melhores.

## AMOR-METEORO

«Encontrei-a no cais, ao embarcar, E, após um curto olhar retribuído, Tão preso me senti, tão seduzido, Que até como isto foi nem sei contar.

Só sei que agradeceu o meu olhar Com outro mais gentil e enternecido,

E que fiquei em terra, possuído De um ódio torvo e estranho contra o mar.

Não mais em minha face inconso-

lável Demorará seus olhos de veludo! Não mais aquele instante inolvidável!

Um protesto de amor ardente e mudo,

Um sorriso, uma dor incomparável, Um triste volver de olhos... e foi tudo.

A edição tem uma capa agradável.

## «Parabola do meu sonho» — Versos de José Rodrigues.

É um curioso volume êste do sr. José Rodrigues. O poeta preferiu para quasi todas as suas composições o sonetinho. Fez bem porque o trabalha com facilidade e limpidez.

Os seus versos têm um ar saúdável, são cantantes e simples, delicados e agradáveis. São igualmente muito bonitas as quadras finais.

A minha preferência fixa-se no segundo sonetinho, que transcrevo por me parecer muito bonito:

Pobre de Amor e de graça, De tudo sou pobrezinho; — Nem sequer o teu carinho Tenho de meu, por desgraça.

Mas sendo, embora, tão pobre, Inda tenho coração: —Tenho dado do meu pão, A muita gente que é nobre!

E tu, ativa e formosa, Que de tudo és orgulhosa, Porque escondes tua mão?

Sou pobre! — Não sei mentir; — Mas espero repartir Contigo o meu coração.

São todos assim os versos de José Rodrigues, que os apresenta numa bonita edição «Cosmópolis». O livro traz uma carta em verso de António Boto.

Alice Ogando

# A cultura e a politica

Por Bourbon e Meneses

A intervenção dos homens de letras na política não é um facto de hoje. Rebelo da Silva, Manuel Pinheiro Chagas, Latino Coelho — além doutros de menor vulto — são exemplos frisantes de dualidade politico-literária numa época que se afigura quasi remota á ansiedade impetuosa da geração actual. Garrett, com todo o seu prestigio de vate e dramaturgo, fôra uma espécie de figurino... No último período da monarchia, o alto pessoal politico do regime deposto não acusava, porém, a presença de nenhuma personalidade com realce no campo da literatura ou da ciência. Venceslau de Lima trocara as pesquisas da geologia pelas contumélías dos archeiros e moços de cana do real paço; Luís de Magalhães depusera havia muito a pena e só a retomou, numa modalidade restricta, após a substituição das instituições políticas; Júlio de Vilhena, que na sua mocidade terçara armas com Oliveira Martins sobre um ponto de história, enterrou-se no seu fauteuil de governador do Banco de Portugal e só de longe a longe luzia num ou noutro discurso na Camara dos Pares. Os

trabalhos que publicou acêrca de D. Pedro V foram fruto da sua aposentação politica... O único título, que alguma das outras figuras representativas — aparte Anselmo de Andrade — podiam legítimamente reivindicar, era o de juriconsultos.

Com o desenvolvimento do partido republicano, cuja propaganda conseguira galvanizar a população das cidades, dissipou-se, em grande parte, o desdém romântico que,

pela política, e durante largo tempo, fôra de rigor nos meios literários. Os nossos dois maiores poetas, Guerra Junqueiro e Gomes Leal, atiraram-se resolutamente ás águas revoltas da política. E o mesmo fêz Fialho de Almeida, cujo «volte-face» final impressionou a opinião pública.

Após a proclamação da República, o pessoal que predominou no campo politico foi, todavia, caracte-

terizadamente alheio ás cogitações da ciência e ás laborações da criação literária. João Chagas, rutilante no panfleto, nunca passou de uma insanável menoridade literária, diluida no afastamento do seu cargo diplomático; Duarte Leite limitou-se a pequenas ainda que substanciaes investigações históricas e Brito Camacho só verdadeira e porfiadamente tentou a literatura depois da sua reforma politica. Em França, por muito menos truculenta do que entre nós, a politica nunca afugentou, como aqui, os escritores e os sábios. E dá gosto reconhecer e saborear a cultura intellectual dos seus homens públicos de todas as nuances, desde Léon Blum, que só nos parece pequeno porque o ofusca a memória resplandecente de Jean Jaurés. Painlevé, *vieille barbe* do radicalismo, era um matemático notável, e de Barthou são bem conhecidos os trabalhos que deixou a respeito de Lamartine e de Mirabeau, assim como a sua paixão de bibliografo requintado.

Presentemente, em Portugal como lá fora, o interesse politico atrai, por assim dizer, toda a gente.

O abstencionismo passou de moda. Não é já um indice de elegância não querer saber de politica... E são, sobretudo, as camadas novas aquelas que mais ciosamente procuram demonstrar que o *forum* civico não é incompatível com as formas superiores da cultura.

O dr. Alberto Xavier, abalanchando-se, com bilhantismo e segurança, ao estudo da evolução europeia, não produziu, pois, apenas, um testemunho interessante e verdadeiramente notável da sua maleabilidade mental: deu um exemplo que os politicos de todas as feições devem tomar na consideração que lhe é devida.

O tempo do politico adextrado unicamente nas mil e uma fintas da intriga, eleicoeiro e palrador, manhoso e fátuo, acabou. E se a cultura científica e técnica é indispensável a quem pretenda servir o interesse geral no campo politico, não é menos a cultura humanista, a qual não constitui sómente um arrebio do espirito, mas elemento essencial do seu desenvolvimento e auto-domínio.

## O Preceito de Santeul

Por Augusto Ricardo

XXIII

A demonstrar que muito te queria poisei o olhar nos teus olhos dilectos, da côr do luto. (Aqui, a tirania da rima impõe-me a livre fantasia de dizer que são pretos).

E olhámo-nos os dois, embevecidos, — suponho até que presos de ternura; — eu, recordando beijos esquecidos, tu, dominada pelos teus sentidos, antegozando uma união futura.